

Parte I - Matrizes Interacionais

2. Circuitos de Comunicação

José Luiz Braga

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BRAGA, J.L. Circuitos de Comunicação. In: BRAGA, J.L., RABELO, L., MACHADO, M., ZUCOLO, R., BENEVIDES, P., XAVIER, M.P., CALAZANS, R., CASALI, C., MELO, P.R., MEDEIROS, A.L., KLEIN, E., and PARES, A.D. *Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2017, pp. 43-64. Paradigmas da Comunicação collection. ISBN: 978-85-7879-572-6. <https://doi.org/10.7476/9788578795726.0003>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

2. Circuitos de Comunicação

José Luiz Braga

1. Introdução

Ampliando a reflexão do enfoque sobre os episódios interacionais para sua inserção no espaço social geral, percebemos que as diferentes situações de interação frequentemente não se encerram em seus próprios objetivos e resultados. Potencialmente, onde termina um episódio interacional, inicia-se outro.

Isso significa que os resultados de uma interação se oferecem como matéria possível para outras interações. Essa matéria pode aparecer na forma de um produto (qualquer registro, como um texto, um vídeo, gravação sonora, anotações); ou ainda como memória, disponível entre os participantes, das falas, gestos e decisões que compuseram o próprio episódio. Sua existência, materialmente objetivada ou objetivável em narrativas possíveis, resulta em referências – pouco importa se principais ou secundárias – para outras interações, diretamente derivadas da primeira ou acionadas a partir de outros locais, participantes ou objetivos.

Os elementos de saída de um episódio (decisões, encaminhamentos, ideias sentimentos expressos, objetivos...) se põem a circular, alimentando sucessivos episódios interacionais – que os relacionam, por sua vez a seus próprios processos e metas, inscrevendo-os em outros sistemas de relações e viabilizando novas inferências. Os objetivos, resultados e transformações repassados

de episódio a episódio se apresentam como informação (elementos compartilhados ou imediatamente compartilháveis) ou como questões que pedem novas ações comunicacionais, nos episódios subsequentes.

A força da informação, em nossa abordagem (e nesse caso caracterizando-a como “código”) é a de ser algo imediatamente compartilhável, podendo passar quase instantaneamente (na medida em que se ofereça para acervos de acolhimento em condições de abertura e acessibilidade para sua entrada) à situação de base compartilhada para interações – inclusive aquelas referentes à contestação de sua factualidade. Aliás, esta seria mesmo uma possibilidade de conceito de informação, em perspectiva comunicacional: é tudo aquilo que pode passar diretamente de um estado de não compartilhado para um estado de compartilhado. Sobre esse “compartilhado” se exercem, então, ações comunicacionais de ordem inferencial.

O processo de circulação não exige que o vínculo entre um episódio e outro, anterior ou subsequente, seja desenhado e constituído *ad-hoc* a cada processo de passagem. A sociedade elabora (sempre através de tentativas comunicacionais de criação, de ajuste e de aperfeiçoamento) processos mais ou menos reiterados de conexão e de tensionamento entre diferentes tipos de episódios – desenvolvendo assim lógicas articuladoras entre os dispositivos interacionais.

Essa reiteração de conexões entre diferentes dispositivos interacionais acaba se caracterizando como um *circuito*, que passa a direcionar explicitamente o fluxo comunicacional adiante, em determinadas condições contextuais. As expectativas de passagem entre episódios, na medida em que fazem reforçar as tentativas mais bem-sucedidas (na visada dos participantes) acabam por estabilizar e dar forma ao circuito, e por repassar indicativos aos próprios dispositivos interacionais.

O circuito, uma vez constituído, pode ser então compreendido como uma base objetivada para aquilo a ser repassado como circulação “de mãos em mãos”. A cada ponto nodal ou “estação” identificável, são realizadas ações interacionais, adjunção de códigos, geração de inferências – desenvolvendo portanto outros sistemas de relações entre os componentes aí articulados.

Ocorre, assim, sempre que temos um circuito instituído ou em experimentação social, um encadeamento de dispositivos interacionais parcialmente relacionados, podendo envolver manutenção, modificação, contraposição e acréscimo de ações, encaminhamentos e objetivos – de tal forma que o conjunto “circuito” elabora e exerce processos interacionais, repercutindo uma ação comunicacional em transformação, em fluxo contínuo. Lembrando que um mesmo dispositivo interacional pode estar inscrito em diferentes circuitos (ou *trabalhar* diferentes circuitos).

Em síntese: podemos considerar que circuitos comunicacionais são tendencialmente produzidos quando os processos e resultados (saída) de um dispositivo interacional de ação continuada ou frequente são de interesse para outros dispositivos que de algum modo trabalharão tais elementos como componentes de entrada para sua ação interacional.

2. Circulação e circuitos

Uma tendência frequente é a de pensar “circulação” como referência ao processo desenvolvido pelo produto midiático, da emissão à recepção. Nessa perspectiva, mensagem, informação, produtos da mídia circulam.

Eventualmente, considera-se um segundo movimento de circulação do produto, *após a recepção*. Temos aí “respostas”, novos produtos derivados dos primeiros, re-mediação, *remakes*,

multimídiação, *cross-media*. Todos esses processos evidenciam que o círculo do produto é bem mais amplo que a relação “curta” da emissão à recepção.

Minha perspectiva do “sistema social de resposta” (Braga, 2006) assinala ainda outro processo de circulação. Depois da recepção, e a partir de reações deste subsistema “de resposta social” (com suas mediações e “desvios” interpretativos próprios) o fluxo comunicacional não para e novos episódios interacionais, diferenciados, se iniciam: os que produzem leituras, objeções, debates, apropriações e desenvolvimentos em deriva. Um sistema de resposta social se desenvolve, repondo na sociedade (frequentemente através de processos mediados, mas também por ação direta) vozes que se posicionam e procuram agir comunicacionalmente – podendo, entre outras ações, exercer uma crítica da mídia. Eventualmente, estas ações retornam aos emissores originais, na continuidade de seu trabalho.

Em determinado momento, chegamos a considerar o sistema social de resposta como o principal elemento da “circulação comunicacional em sociedade de mediação”. Mas atualmente, em consequência de pesquisa continuada, derivamos outro espaço heurístico, dando maior abrangência ao conceito de circulação.

Trata-se de substituir a ênfase no “produto que circula” por uma percepção de circuito mais ampla – procurando focar a observação em nível mais abstrato. A comunicação social pode ser vista como um fluxo incessante de ideias, informações, injunções e expectativas que circulam em formas e reconfigurações sucessivas. Isso corresponde justamente às composições entre diferentes dispositivos interacionais e seus episódios, em que cada elemento de saída pode ser entrada para outra interação.

À diferença das interações *conversacionais*, o fluxo interacional abrangente em uma sociedade não se manifesta como ida-e-volta entre participantes. Na conversação (e seus variados dispositivos),

o que se entende por “resposta” é uma fala que o receptor “devolve” ao emissor inicial, na forma de retorno. É frequente que se enfatize, na internet, essa capacidade de viabilizar retornos imediatos e pontuais sobre uma “fala inicial” – adota-se a expressão “interatividade” para expressar essa possibilidade. Embora esse processo efetivamente possa ocorrer, como componente relevante, entendemos que a circulação midiaticizada articula, ainda, processos relevantes de outras ordens – tanto na internet como nos meios de massa.

Percebemos, então, um fluxo comunicacional *contínuo e adiante* que dinamiza passagens de resultados entre dispositivos interacionais de ação frequente. Após a apropriação dos sentidos de uma mensagem originada em qualquer ponto da sociedade, seus captadores/apropriadores podem sempre pôr em circulação no espaço social sua resposta. Essa resposta, independente de um retorno imediato, segue adiante, em processos diferidos e difusos. Eventualmente, no conjunto da circulação e pelo embaralhamento cultural dos múltiplos circuitos, as ideias, proposições, imagens, posições polêmicas e tendências expressas se reforçam, se contra-põem, desaparecem ou retornam. O “retorno” que consideramos relevante nesse nível é aquele, difuso, do circuito ampliado e não a volta imediata ao ponto de partida.

Não devemos assumir a interação *conversacional* (ida-e-volta) como modelo geral para a comunicação social. Não cabe, por outro lado, excluir os dispositivos interacionais que correspondem a esse modelo, como potencialidade significativa para diferentes circuitos. Quando se enfatiza a observação de produtos nomeáveis tende-se a reforçar uma percepção restrita ao ambiente midiaticizado (indústria cultural). Nosso objeto de reflexão e observação, em perspectiva comunicacional, é entretanto bem mais vasto e diversificado.

Embora a midiaticização social tenha trazido uma acuidade perceptiva e uma intensidade operacional aos circuitos de comunicação,

estes não se restringem nem aos produtos que circulam, nem aos momentos diretamente midiáticos. Na verdade, é importante, para uma compreensão aprofundada da comunicação social, observar os dispositivos interacionais não midiáticos que se interpolam nos circuitos, capilarizando a geração e a circulação de ideias, opiniões, atitudes, perspectivas sociais, propagação de códigos em compartilhamento – e tudo o que possa interessar, de perto ou de longe, à sociedade e a seus participantes.

Assim, é interessante não descurar dos momentos em que os dispositivos criadores e repassadores dos processos em circulação sejam de ordem conversacional, presencial ou a distância, públicos ou privados, que justamente, hoje, têm condições de não ficarem acantonados no vasto espaço “mudo” da recepção. Diversamente, podem intercalar sua fala no fluxo aparentemente mais vistoso e acelerado da mídia.

Nesse fluxo, o produto ocupa um lugar especial por sua materialidade e consequente facilidade de captura para observação e inferências. Mas, apesar dessa especificidade, o produto não é “o objeto inicial” de um percurso a ser seguido. Seria antes um “momento” (particularmente feliz, por sua materialização) de um circuito *que começa antes e continua depois* – passando a carregar a configuração que se formalizou no modo reconhecível de produto (ou seja: registro disponível e durável).

Isso permite perguntar a esse objeto mais percebido, que é o produto, como ele ocupa um lugar nesse circuito; que proposições recolhe e organiza; como reage sobre o que o antecede, o que produz nesse percurso e o que dirige “adiante”, fazendo *continuar a circulação*.

Essa abrangência ampliada, entretanto, não caracteriza ainda o quadro completo do que assumimos como “circulação comunicacional” na sociedade. Entendemos que a comunicação social, na medida em que se amplia e se acelera pela mediatização social, se

articula crescentemente à “escuta” e à produção centrada no polo receptor (Braga, 2007). Podemos começar a discernir aí uma espécie de *retroação de sentidos*, que vai da recepção à produção – ou mais exatamente: de cada ponto nodal subsequente ao ponto nodal antecedente. Não como “retorno de resposta”, mas como previsão, pela auscultação anterior, da leitura que será feita daquilo que dizemos: uma antecipação.

Pela escuta, pela importância de “sintonizar” a recepção, pelas delicadezas de ajuste de endereçamento (nunca exato, sempre disperso e tentativo) alguma coisa retroage, “modificando” a interação e seus resultados a partir das expectativas sobre sua recepção e pela repercussão destas expectativas na configuração das falas. Cada “momento” da circulação, por antecipar os seguintes, procura se adaptar previamente a estes. Como assinalamos antes, esses momentos ou estações de um circuito correspondem aos episódios discerníveis (que acionam dispositivos interacionais socialmente produzidos).

É claro que esse “circuito inverso” existe desde sempre – mas se torna socialmente evidente em uma sociedade em midiatização. Mais que evidente: torna-se processo comunicacional inarredável, componente para o que quer que se faça ou se pretenda, comunicacionalmente, fazer. A tendência à serialidade que se evidencia na sociedade em midiatização favorece que as expectativas sobre os passos subsequentes de um circuito sejam aperfeiçoadas e ativadas para as novas “edições” dos passos anteriores. Nessa incidência retroativa, passamos a acionar interações a partir das respostas que pretendemos, esperamos ou recebemos. Fica evidente a importância, para uma boa percepção das lógicas de circuitos, a observação da especificidade dos dispositivos que se relacionam, das lógicas de fluxos entre saídas e entradas – pois é nessa relação que o fluxo segue adiante e que antecipações se realizam.

3. Os sentidos da circulação

Nas relações, agora percebidas como bem mais complexas, entre a produção e a recepção, o conceito de circulação – antes restrito ao intervalo entre os dois polos – ganha vigor e relevância, e acaba por extrapolar esses limites. Em “A sociedade enfrenta sua mídia”, afirmamos que

quando se trata de valores simbólicos e da produção e recepção de sentidos, o que importa mais é a circulação *posterior à recepção*. [...] *O sistema de circulação interacional* [em mediação] é essa movimentação social dos sentidos e dos estímulos produzidos inicialmente pela mídia. (Braga, 2006, p. 28 – grifos no original).

Fausto Neto (2010b) assinala um desenvolvimento do conceito de “circulação” que, na medida em que se complexifica, se torna nuclear para pensar a mediação da sociedade. Fazemos aqui uma apropriação do artigo, pelo ângulo em que estuda a sucção de sentidos dados à expressão.

No período da ênfase nos meios, a circulação era vista meramente como *a passagem* de algo do emissor ao receptor. Uma preocupação central era a de verificar a consistência entre o ponto de partida e o ponto de chegada – o principal critério acionado era o da busca de *correspondência e identidade* entre emissão e recepção.

Com a percepção de que os receptores são ativos, a circulação passa a ser vista como o espaço do reconhecimento e dos desvios produzidos pela apropriação. Aparece então “como resultado *da diferença* entre lógicas de processos de produção e de recepção de mensagens” (Fausto Neto, 2010b, p. 10 – grifo nosso). Torna-se, portanto, um espaço de maiores possibilidades de ocorrência interacional, na prática social; e de descobertas, na investigação.

Dada a possibilidade de desarticulação entre essas lógicas, por suas diferenças, coloca-se a questão de *contratos* para “descrever as possibilidades de *construção de vínculos* entre produção/recepção” (Fausto Neto, 2010b, p. 10). Uma pergunta relevante se volta para entender como a sociedade evita que as diferenças entre as lógicas da produção e as da recepção levem à simples incompreensão mútua.

A circulação é, então, “transformada em lugar no qual produtores e receptores se encontram em jogos complexos de oferta e reconhecimento” (Fausto Neto, 2010b, p. 11). Em nossa reflexão sobre dispositivos interacionais, “produtores” são quaisquer participantes de um episódio interacional que fornece elementos para circulação; e “receptores” são os participantes de outro episódio, que acionam aqueles elementos para suas ações comunicacionais.

Nesse estágio, “as lógicas dos *contratos* são subsumidas por outras *lógicas de interfaces* [...] os receptores perambulam por várias mídias, migrando em seus contatos com os mesmos, e quebrando zonas clássicas de fidelização”. Fausto Neto reitera, ainda, em sua conclusão: “novas condições de circulação afetam as lógicas de instituições produtoras e sujeitos-receptores, por força da ambiência da *mediatização*” (Fausto Neto, 2010b, p. 12, 13 e 14. Grifos no original).

Podemos observar aí os desenvolvimentos sobre a relação *produção/recepção*. A partir desses entendimentos sucessivos sobre “circulação”, mais um passo deve ser proposto: indo além das relações diretas entre produtor e receptor, importa o fato de que este último *faz seguir adiante* as reações ao que recebe. Isso decorre não apenas da presença de novos meios, mas também de que os produtos circulantes da “mídia de massa” são retomados em outros ambientes, que ultrapassam a *situação de recepção* (o espectador diante da tela).

Esse “fluxo adiante” acontece em variadíssimas formas – desde a reposição do próprio produto para outros usuários (modificado ou não); à elaboração de comentários – que podem resultar em textos publicados ou em simples “conversa de bar”, por exemplo, sobre um filme recém visto; a uma retomada de ideias para gerar outros produtos (em sintonia ou contraposição); a uma estimulação de debates, análises, polêmicas – em processo agonístico; a esforços de sistematização analítica ou estudos sobre o tipo de questão inicialmente exposta; passando ainda por outras e outras possibilidades, incluindo aí, naturalmente a circulação que se manifesta nas redes sociais.

Nesse fluxo, dois âmbitos de escuta ganham acuidade: uma escuta para apropriação dos resultados de episódios anteriores a serem acionados como elemento a ser processado em nova interação; e uma “escuta-expectativa” buscando prever a potencialidade de acolhida e tensionamento do que se dirá. Essa “intuição” de interpretações futuras não tem nada de adivinhação: na reiteração serial dos passos de um circuito, pode-se efetivamente observar reações dadas e fazer ajustes tentativos.

Nessas circunstâncias, já não é tão simples distinguir “pontos iniciais” e “pontos de chegada”, *produção* e *recepção* como instâncias separadas. O que, aliás, nos faz perceber que tal construção decorre mais de uma condição histórica específica (a fase de implantação dos meios de massa) do que de uma pretendida “natureza” do processo interacional. A *interação*, pela própria etimologia da palavra, enfatiza antes a indistinção de papéis (ou distinções *ad-hoc* muito diversas) do que uma especialização “por estrutura”. Ou seja: o exercício de diferentes ações, as assimetrias e opressões, devem ser relacionadas antes a cada tipo específico de interação – cada dispositivo interacional acionado – assim como a seus contextos significativos; e não a uma pretendida lógica diferencial no interagir. É

claro que *no caso dos meios de massa* podemos distinguir claramente essas duas posições – que devem ser assim estudadas segundo suas lógicas específicas; mas evitando naturalizar estes papéis como se fossem categorias inelutáveis da midiatização. É consensual que, nas redes sociais, as diferentes lógicas interacionais definem outros papéis para os participantes. Mas mesmo nos meios ditos unidirecionais, uma vez absorvidos seus processos, culturalmente, pela sociedade e integrados a outros circuitos, a “diferença” deixa de significar necessariamente assimetria insuperável.

Por raciocínio complementar, se abordamos a circulação nessa visada abrangente, decorre daí que o *produto mediático* não é o ponto de partida no fluxo. Pode muito bem ser visto como um ponto de chegada, como consequência de uma série de processos, de expectativas, de interesses e de ações que resultam em sua composição como “um objeto para circular” – e que, por sua vez, realimenta o fluxo da circulação, como material de passagem entre as diferentes estações processuais, que são os episódios interacionais (e correspondentes dispositivos interacionais) dinamizadores da circulação. A rigor, não é “o produto” que circula – mas encontra um sistema de circulação no qual se viabiliza e ao qual alimenta.

Considerar a comunicação como um processo, como o fazemos, sugere que *os dispositivos interacionais e seus episódios é que são os pontos nodais da circulação*. O “produto”, em sua percepção expandida, é antes um caracterizador dos elementos de saída e de entrada que relacionam dispositivos interacionais no circuito.

Por outro lado, o produto, como já indicamos, é um momento particularmente auspicioso da circulação – justamente porque, consolidado em sua forma que permanece (e que se multiplica, na sociedade em midiatização), pode continuar circulando e repercutindo em outros espaços. O produto, por sua permanência e também porque se molda ao mesmo tempo em que busca moldar

os ambientes em que se põe a circular, torna-se um especial objeto de observação para inferências sobre os processos mais gerais em que se inscreve⁸.

Os processos e as consequências desse modo preferencial de circulação, próprio da sociedade em midiatização, devem então ser estudados. Uma questão que se põe aqui é a de como explicitar características dessa perspectiva abrangente, de modo a transitar da elaboração reflexiva e ensaística para o trabalho da pesquisa empírica. Uma primeira aproximação corresponde a perceber que essa circulação em fluxo contínuo não é apenas uma descrição abstrata. Ela se manifesta concretamente na sociedade, na forma dos circuitos culturalmente praticados, reconhecíveis por seus usuários e que podem ser descritos e analisados por pesquisadores. Os dois próximos itens pretendem concretizar minimamente esse conceito, como base para investigações específicas.

4. Circuitos *versus* Campos

Os circuitos não se desenvolvem no vazio. Há uma sociedade pré-mediática solidamente instalada por suas instituições e estruturas historicamente elaboradas. Um bom modo para tratar esse ambiente estabelecido é referir os campos sociais, conforme a perspectiva de Bourdieu – estudados como “microcosmos relativamente autônomos”:

Uma das manifestações mais visíveis da autonomia dos campos é sua capacidade de *refratar*, retraduzindo sob uma forma específica as pressões ou

8 Em uma abordagem de dispositivos e de circuitos interacionais, podemos observar o produto (conforme sua inserção na circulação) indo além de sua expressão e conteúdos – como conjunto de indícios para fazer inferências a respeito dos dispositivos e dos circuitos de que participa.

demandas externas. [...] quanto mais autônomo for um campo, maior será seu poder de refração e mais as imposições externas serão transfiguradas, a ponto, frequentemente, de se tornarem perfeitamente irreconhecíveis. (2003, p. 22. Grifo no original)

Adriano Rodrigues propõe que “um campo social constitui uma esfera de legitimidade” (1990, p. 143). Observando que “cada um dos campos sociais coexiste com uma multiplicidade de outros campos, compondo entre si [...] as funções expressivas e pragmáticas e as formas simbólicas de visibilidade” (idem, 149), Rodrigues oferece, em 1990, uma boa percepção sobre a instauração do “campo dos media” na sociedade. De modo pertinente para o que ocorria ao final da década dos 80, propõe que

a legitimidade do *campo dos media* é de natureza predominantemente vicária ou delegada. A fonte da sua legitimidade resulta de um processo de autonomização de uma parte das funções de mediação dos outros campos sociais, autonomização exigida pelo processo generalizado de disseminação das esferas da experiência no mundo moderno. (idem, p. 155).

Entretanto, na sociedade em midiatização, já não se podem restringir os processos sociais a essa inclusão de um campo especial, através da cessão de mediações pelos outros campos ao campo mediático. Em nossa aproximação do conceito, resistimos à perspectiva de que a midiatização da sociedade apenas decorra da “ação dos meios”, seja pela incidência da indústria cultural ou como decorrência direta da inovação tecnológica, ou da ação dos ambientes institucionais/profissionais que, em torno de tais processos, caracterizariam o “campo dos media”.

É certamente válido fazer referência a um “campo dos media”, restrito, entretanto como *um dos espaços* – aquele do delineamento institucional/profissional mais evidente, e para o qual as universidades principalmente oferecem sua formação em Comunicação. Mas esse campo não é “o responsável” pela midiaticização da sociedade, senão na medida em que todos os campos sociais igualmente o são, cada um com suas incidências específicas. Fausto Neto considera que

já não se trata mais de reconhecer a centralidade dos meios na tarefa de organização de processos interacionais entre os campos sociais, mas de constatar que a constituição e o funcionamento da sociedade – de suas práticas, lógicas e esquemas de codificação – estão atravessados e permeados por pressupostos e lógicas do que se denominaria a “cultura da mídia”. (2008b, p. 92).

O surgimento de modos diversificados para interagir na sociedade, a intensidade da circulação simbólica, o surgimento de articulações e de fricções onde anteriormente os processos principais podiam ser conduzidos pelas lógicas de campos específicos e por negociação em zonas de fronteira entre campos – tudo isso leva à necessidade de processos experimentais pela sociedade em sua abrangência.

Seja para fazer de outro modo as mesmas coisas, seja para acionar processos antes não viáveis (ou talvez sequer pensáveis), todos os setores da sociedade são instados, pela própria predominância da midiaticização “como processo interacional de referência” (Braga, 2007), a se articularem através de circuitos pouco habituais. A midiaticização geral da sociedade torna inevitável a continuidade entre processos mediáticos e outros processos interacionais de sociedade – que se relacionam crescente e diversificadamente com as interações midiaticizadas.

O uso de processos tecnologicamente acionados para a interação já não é mais um “fato da mídia” (campo social) – assim como a cultura escrita não é um fato das editoras, dos autores e das escolas, exclusivamente. Esses dois grandes processos culturais (hoje com fortes interpenetrações) são antes de tudo *atos comunicacionais da sociedade*.

Cada setor ou processo de sociedade participa de circuitos múltiplos. Com a midiaticização crescente, os campos sociais, que antes podiam interagir com outros campos segundo processos marcados por suas próprias lógicas e por negociações mais ou menos específicas de fronteiras, são crescentemente atravessados por circuitos diversos.

A cultura comunicacional mediadora passa a ser caracterizada por tais processos fortemente tentativos. O que importa assinalar, em nível distinto das observações *genericamente* recusadoras ou deslumbradas, é que a passagem do estranhamento à absorção como cultura não se faz apenas por uma “habituação” – mas sim, fortemente, por invenção social. A cultura da midiaticização em implantação se faz por experimentação. É claro que processos inventados socialmente e historicamente tornados vigentes podem resultar valoráveis ou negativos – e geralmente são, de modo tensionado, bons ou maus conforme as circunstâncias – o que significa que devem ser criticados com especificidade.

Os diferentes campos sociais, no seu trabalho de articulação com o todo social, desenvolvem táticas e usos para as tecnologias disponíveis, moldando-as a seus objetivos. Ao experimentarem práticas mediáticas, ao se inscreverem, para seus objetivos interacionais próprios, em circuitos midiaticizados, ao darem sentidos específicos ao que recebem e transformam e repõem em circulação – os campos sociais agem sobre os processos, inventam, redirecionam ou participam da estabilização de procedimentos da midiaticização. Essa processualidade

interacional inevitavelmente repercute sobre o próprio perfil do campo – por exemplo, incidindo sobre o equilíbrio das forças que o desenham em dado momento, abrindo possibilidades para determinadas linhas de ação e fechando outras, exigindo diferentes tipos de ajuste ao contexto. Mas isso também requer invenção social.

Além dessas “ações institucionais” de ajuste do próprio campo ao ambiente midiaticizado, ações “novas” se desenvolvem no contexto, que remetem a desafios antes não acionáveis e para os quais não há respostas prontas. Algumas dessas ações são diretamente “subversivas”, como assinala Victor Folquening (2011) – correspondendo à possibilidade de agentes externos a um campo social (inclusive agentes individuais) produzirem incidências sobre um campo estabelecido a partir de pontos externos a este, uma vez que consigam estimular circuitos e dispositivos interacionais tentativos, encontrando ressonância no próprio campo ou em suas áreas de entorno. Isso pode ocorrer porque todos os campos sociais, na sociedade em midiaticização, parecem estar mais atrelados a necessidades de interação “externa”, mesmo à custa de não poder impor suas próprias lógicas para dizer “suas coisas”.

Paralelamente, determinados agentes com posição interna em um campo social – e utilizando o capital social aí amealhado – passam a interagir com o ambiente externo fora das lógicas estritas mais habituais desse campo, acionando processos e lógicas diferidos e difusos, próprios da midiaticização. Mesmo quando tais processos de circulação encontram uma recusa crítica por parte dos grupos definidores e controladores das “lógicas do campo” (no estado atual do jogo de forças), o capital social anteriormente acumulado por aqueles agentes, complementado pelos capitais da “aceitação externa”, modifica os sistemas de relações internos.

Por todas estas razões, a capacidade de refração dos campos se encontra inevitavelmente diminuída, em todo caso “deformada” por

comparação ao desenho estabelecido. Outra maneira de expressar isso seria considerar que a “esfera de legitimidade” estabelecida pelos diferentes campos sociais se encontra agora constantemente em risco, devendo ser continuamente reconsiderada e reelaborada.

Exemplos podem se multiplicar – basta observar a incidência das aprendizagens não-controladas pelo campo educacional; ou a difusão de falas em modo diferido e difuso com relação a campos que asseguram, habitualmente, um contato controlado entre seus especialistas e o público atendido (como é o caso da medicina e do campo psicológico). Mesmo no espaço profissional estabelecido da comunicação social (os meios institucionalizados e o exercício das “profissões da comunicação social”), observamos a incidência de uma sobremediatização, quando diferentes pessoas e instituições envolvidas em fatos de atualidade se deslocam da situação de “fonte” (isto é, de fornecedores de uma informação que deve ainda passar pelo crivo interpretativo-seletivo de um jornalista) para uma posição de informadores “diretos”, com base em uma reivindicação de credibilidade por se vincularem diretamente ao acontecimento relatado.

São apenas exemplos – mas parece suficiente para esclarecer nossa proposição. Não estamos sugerindo que os campos sociais se diluirão em favor de uma espécie de “comunicação direta” da sociedade através de redes difusas. Mas afirmamos que as mudanças decorrentes de processos de interação “em mediatização” modificam (e modificarão crescentemente) o perfil, os sentidos e os modos de ação dos campos sociais; que outros campos se desenvolvem; e sobretudo que os modos de interação entre os campos sociais, e entre cada um destes e a sociedade ao largo, correlatamente se modificam.

Pelo menos até que, eventualmente, após um período de forte experimentação social, aos poucos se desenvolva algum tipo de

estabilidade de processos, nosso foco de estudos envolve estarmos atentos para esses aspectos “tentativos”. Devemos enfatizar que, embora esse impulso de experimentação estimule certamente a inovação tecnológica, essas tentativas se demarcam sobretudo como buscas de *procedimentos de interação* – e portanto, como geração e seleção constante de dispositivos interacionais⁹.

É nesse âmbito de processos – de natureza comunicacional – que muitas questões sociais se encontram em jogo. Estudar circuitos é relevante para compreender a sociedade em midiatização – justamente porque não prevalecem aí, simplesmente, as lógicas deste ou daquele meio, nem mesmo as lógicas preferenciais de determinados tipos de meios. Assim, não é interessante contrapor os meios digitais aos meios de massa como se fossem caracterizadores de mundos diferentes. Cada circuito compõe diferentes articulações entre o massivo e o digital, engastando ainda, aí, o presencial e a escrita.

5. Para fazer inferências

Pode-se perceber, na continuidade entre as duas noções, de dispositivos interacionais e de circuitos da comunicação, que não há uma diferença de natureza entre os dois objetos. A diferença corresponde, antes, à abrangência – de composição e de extensão – do processo comunicacional que queremos investigar; assim como ao enfoque e à problematização adotados pelo pesquisador.

Se nos concentramos em episódios para examinar sua lógica interna de processamento, para nos perguntarmos sobre o sistema

9 Não é demais lembrar que “dispositivos interacionais” não são aparatos tecnológicos: são sistemas de relações interacionais mais ou menos estabilizados – são modos práticos disponíveis na cultura.

de relações que articula os participantes mais imediatos, uma abordagem pelo modelo de dispositivos interacionais (acionados ou em construção) deve ser mais produtiva.

Se observamos uma situação mais ampla e diversificada, em que o interesse e o questionamento se voltam antes para os resultados e insumos relacionados a diferentes dispositivos discerníveis, observando as passagens entre processos diferenciados – então a abordagem a partir de circuitos pode se evidenciar como mais interessante.

Em pesquisas complexas (e assumindo um trabalho de equipe e/ou maior tempo de dedicação pessoal), pode ser relevante articular o estudo de um circuito e o das lógicas específicas que caracterizam alguns dos dispositivos que o compõem.

Nos debates entre os autores deste livro, desde o primeiro momento de elaboração, em 2012, percebemos que alguns temas escolhidos se prestavam mais facilmente a um enfoque na perspectiva dos dispositivos interacionais; enquanto outros se mostravam mais adequados a uma abordagem pela observação de circuitos – mesmo não tendo, então, maior clareza sobre as relações entre os dois ângulos, que só depois desenvolvemos na sequência.

Não se trata de objetos radicalmente diferenciados no âmbito da comunicação social, como percebemos pela introdução da noção de circuitos. Que um estudo empírico adote preferencialmente um ângulo ou outro parece ser decorrente da formulação do problema a pesquisar – levando a que se concentre na especificidade de um episódio, ou tipos de episódios; ou que, diversamente, peça maior atenção sobre os processos e lógicas de encadeamento social produzidos para passagens (saídas e entradas) de dispositivo a dispositivo. Se estudarmos o circuito, perceberemos em visada mais abrangente ou transversal os diferentes dispositivos (episódios) que o constituem ou aí exercem uma incidência.

É claro que no estudo de circuitos, malgrado a ênfase nos processos de passagem, é possível também dar uma atenção ao que ocorre em cada estágio interacional “entre passagens”, ou seja, nas estações em que um tipo de episódio exerce suas próprias lógicas. De modo correlato, nada impede que, no estudo de determinado dispositivo interacional, se observem elementos de entrada e saída, buscando-se, para maior compreensão de episódios de interação, indicações sobre o que os inscreve em tais circuitos.

Dada essa contiguidade entre os dois conceitos (e entre os objetos correspondentes), entendemos que premissas e características assinaladas no primeiro capítulo, relacionadas ao fenômeno comunicacional, mantêm todo seu interesse para o estudo dos circuitos. Assim, na problematização, na descrição e na produção de inferências sobre estes, deve ser necessário observar:

- as tentativas processuais encaminhadas;
- as ações desenvolvidas, em sua performatividade;
- as diferenças que entram em contato, no fluxo; e o trabalho comunicacional associado a essas diferenças, seja na produção de acordos, na negociação ou na explicitação das distâncias e oposições;
- as transformações internas ao circuito, através das passagens entre suas estações (que são os dispositivos); ou relativas às lógicas de conjunto do circuito;
- as configurações práticas resultantes da adjunção entre dispositivos diversos em seus processos de escuta, de encaminhamentos complementares e de tensionamentos mútuos;
- o trabalho de acionamento de códigos compartilhados, de espaços abertos para inferências, de invenção necessária de códigos e de seu direcionamento no fluxo;

- as modulações que incidem no fluxo conforme sua passagem por dispositivos de âmbitos e campos sociais diversos, assim como a incidência do próprio circuito sobre tais campos.

*

O objetivo da heurística aqui trabalhada é então o de viabilizar investigações sobre processos muito diferenciados de circuitos, na sociedade, percebendo suas lógicas comunicacionais para apreender similaridades e diferenças entre tais processos.

Esse trabalho descritivo e inferencial se propõe como investigação sobre toda uma diversidade de processos sociais segundo *uma perspectiva comunicacional* – ou seja

- a. um enfoque que atribui centralidade a aspectos do fenômeno social sobre outras perspectivas focalizadas pelas CHS, favorecendo o desentranhamento de um conhecimento propriamente comunicacional;
- b. e que procura derivar daí uma percepção de como o fenômeno comunicacional, por suas características próprias, se articula com outros processos e objetivos da sociedade – educacionais, políticos, psicossociais, culturais, etc. – ao mesmo tempo viabilizando seus encaminhamentos e sendo aí modalizado.

Não sabemos ainda com precisão a abrangência possível desse instrumento metodológico e heurístico, nem seu alcance em produtividade de conhecimento – o presente livro representa uma experimentação e um teste, no sentido de obter maior precisão nesses aspectos, mas o alcance e o desenho da pertinência só se desenvolverão na medida de um eventual uso diversificado pela área.

No momento, percebemos, pelas perguntas viabilizadas nesse âmbito heurístico, que a abordagem favorece uma compreensão de episódios interacionais e de circuitos sociais em dois níveis:

- a. para apreender lógicas de relações interacionais bastante estabilizados na prática social;
- b. mas também para inferir lógicas em vias de constituição – experimentação de processos, tentativas sociais de elaboração de dispositivos e de circuitos – ou seja, para capturar, ainda em curso de desenvolvimento, o que chamamos de “invenção social na e pela comunicação”.

Esse segundo nível nos parece particularmente relevante, na medida em que as ações de mediação generalizada, na sociedade, têm estimulado uma forte experimentação de dispositivos e de circuitos.

No presente livro encontramos entre os capítulos de observação empírica tanto processos estabilizados como experimentações sociais que, exatamente porque “em elaboração”, evidenciam explicitamente a centralidade do comunicacional nessa construção tentativa.

No próximo capítulo, antecedendo a apresentação dos nove casos empíricos em que as presentes reflexões são testadas e foram aperfeiçoadas, fazemos indicações sobre o acionamento possível da perspectiva comunicacional para o trabalho de pesquisa.